



PROCESSO SELETIVO PARA INGRESSO NO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM - ANO DE 2023

PROVA ESCRITA

Linha de pesquisa: ESTUDOS LINGUÍSTICOS

CPF: _____

A. ORIENTAÇÕES PARA A REALIZAÇÃO DA PROVA ESCRITA

1. A prova deve ser respondida a caneta (azul ou preta);
2. A prova é individual e sem consulta a qualquer tipo de material;
3. É vedada toda e qualquer forma de diálogo entre os/as candidatos/as;
4. O/A candidato/a **não deve** identificar-se na prova por meio do nome ou assinatura;
5. O/A candidato/a **deve anotar** o número de seu CPF em todas as folhas de resposta;
6. O/A candidato/a deve responder a apenas **uma** (1) das questões;
7. A prova deve ter no máximo três (3) laudas;
8. A **avaliação da prova escrita** exigirá que o/a candidato/a demonstre: a) capacidade analítica; b) capacidade de síntese; c) coerência e coesão textual; d) consistência teórica; e e) posicionamento crítico (Conforme exposto no Edital de seleção).

B. VAGAS PARA CANDIDATOS/AS COTISTAS

Antes de realizar a prova, marque no campo abaixo se você está inscrito/a para concorrer às vagas reservadas para candidatos/as cotistas e identifique a que cota você está concorrendo:

() Sim. Qual?

() Não

1) A partir dos excertos a seguir, extraídos das referências obrigatórias indicadas no edital do processo seletivo de 2022/2023, problematize o modo como os autores compreendem o papel das línguas em processos de colonização. A discussão deve ser embasada nos textos indicados no edital. Caso a problematização esteja de alguma forma relacionada ao seu projeto de pesquisa, você poderá incluí-lo também na discussão.

a) *Poder-se-ia admitir, ao menos, que um idioma pertença propriamente a uma raça e que, se é falado por povos alógenos, foi porque lhes foi imposto por conquista? Sem dúvida, veem-se com frequência nações que adotam ou suportam a língua de seus vencedores, como os gauleses após a vitória dos romanos; mas isso não explica tudo: no caso dos germanos, por exemplo, mesmo admitindo que tenham subjugado tantas populações diversas, não é possível que as tenham absorvido todas; para tanto, seria mister supor uma longa dominação pré-histórica, e outras circunstâncias que nada autoriza a estabelecer. (SAUSSURE, 2006, p. 260-261).*

b) *Imagino-os [os africanos escravizados] ouvindo o inglês falado como a língua do opressor, mas também os imagino percebendo que essa língua teria que ser adquirida, tomada, reclamada como espaço de resistência. Imagino que foi feliz o momento em que perceberam que a língua do opressor, confiscada e falada pelas línguas dos colonizados, poderia ser um espaço de formação de laços. Nesse reconhecimento residia a compreensão de que a intimidade poderia ser recuperada, de que poderia ser formada uma cultura de resistência que possibilitaria o resgate do trauma da escravização. Imagino, portanto, os africanos ouvindo o inglês pela primeira vez como “a língua do opressor” e depois ouvindo-o outra vez como foco potencial de resistência. Aprender o inglês, aprender a falar a língua estrangeira, foi um modo pelo qual os africanos escravizados começaram seu poder pessoal dentro de um contexto de dominação. De posse de uma língua comum, os negros puderam encontrar de novo um modo para construir a comunidade e um meio para criar a solidariedade política necessária para resistir. (hooks, 2017, p. 226)*

2) A partir dos excertos a seguir, extraídos das referências obrigatórias indicadas no edital do processo seletivo de 2022/2023, problematize o modo como os autores compreendem as relações entre língua e racismo. A discussão deve ser embasada nos textos indicados no edital. Caso a problematização esteja de alguma forma relacionada ao seu projeto de pesquisa, você poderá incluí-lo também na discussão.

a) *Importa também destacar a importância vital e simbólica da língua para os povos indígenas, por meio da qual estabelecem as conexões com a natureza e com o mundo. Assim sendo, a língua é um fenômeno de comunicação sociocósmica, de vital importância na relação recíproca entre sociedades humanas e seres não humanos da natureza. Nesse sentido, a perda de uma língua por um povo indígena afeta diretamente também a relação desse povo com a natureza e com o cosmo, resultando em quebra ou redução de conectividade entre os seres e, conseqüentemente, afetando o equilíbrio e a harmonia da vida no mundo. [...] quando se abandona uma tradição, se abandona também uma língua, e vice-versa, e com elas toda uma concepção de vida e de mundo, porque uma língua expressa um determinado mundo, uma determinada maneira de entender, de interpretar e de se relacionar com o mundo. Quando determinadas atividades ou elementos da cultura são abandonados, parte da língua especializada é abandonada e desaparece. Toda a diversidade de línguas e linguagens, de rituais, de mitos, de rezas, de cantos, de gestos e de atitudes praticados pelos povos indígenas, que a escola e a comunidade precisam estimular, valorizar e promover em suas práticas cotidianas de vida. Os saberes sagrados ou especializados fazem a ponte entre o novo e o antigo, entre o presente e o passado, entre o passado e o futuro. Portanto, a transmissão do saber sagrado ou especializado é o elo entre o novo, o antigo e o futuro, sem a qual essa conexão se perde, em geral, de forma irreversível. (BANIWA, 217, p. 299-302)*

b) *Temos que nos lembrar que as relações coloniais foram/são basicamente racializadas. Mignolo diz que “a racialização é aplicada não apenas a pessoas, mas também à língua, religiões, conhecimento, países e continentes (2005, p. 17). Esta afirmação é muito pertinente e precisa ser expandida: língua não é mais um item numa lista de itens racializados no decorrer da história do sistema-mundo moderno/mundo-colonial; a língua é o meio para se constituir performativamente as pessoas racializadas, o conhecimento racializado, países e continentes racializados. [...] Como o mesmo Mignolo afirma, o racismo é o resultado de duas “invenções do conhecimento (moderno/colonial) imperial” (2011, p. 143), a invenção de corpos inferiores e a invenção de línguas inferiores. (PLAZA PINTO; NASCIMENTO, 2022, p. 33)*